



**Miatização e Discurso: possibilidades dialéticas para
investigação do objeto comunicacional¹**

**Mediatization and Discourse: dialectical possibilities for
investigation of the communicational object**

Ivan Vasconcelos Figueiredo²

Resumo: A pesquisa investiga as interfaces dialéticas entre os conceitos de miatização e discurso, com o objetivo de analisar e problematizar as semelhanças e dessemelhanças entre os construtos. Por meio da metodologia de Silva (2010), empreende-se em um estudo das três correntes de pesquisas da miatização (institucionalista, construtivista social e tradição latino-americana), em consonância com uma caracterização do conceito de discurso na Análise do Discurso Crítica de Fairclough. A miatização tida como experiência mental que configura os dispositivos agenciadores das práticas sociais permite conexões com o conceito de discurso, rompendo com a noção de ambiência midiática apenas como discursiva.

Palavras-chave: Miatização; Discurso; Análise do Discurso Crítica.

Abstract: The research investigates the dialectical interfaces between the concepts of mediatization and discourse, aiming to analyze and problematize the similarities and

1 Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

2 Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa. Mestre em Letras - Teoria Literária e Crítica da Cultura, na linha de pesquisa Discurso e Representação Social, pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Doutor em Estudos Linguísticos, na área Linguística do Texto e do Discurso, linha de pesquisa Análise do Discurso, pela Universidade Federal de Minas Gerais. É docente no curso de Comunicação Social/Jornalismo e no Programa de Mestrado em Letras da UFSJ. O presente artigo integra pesquisa de estágio pós-doutoral em Estudos de Linguagens no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), sob a supervisão da professora Dr^a. Giani David Silva.



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

dissimilarities between these constructs. Through Silva's methodology (2010), a study of the three currents of media research (institutionalism, social constructivist and Latin American tradition) is undertaken, in line with a characterization of the concept of discourse in Fairclough's Critical Discourse Analysis. The mediatization seen as a mental experience that configures the devices that regiment social practices allow connections with the concept of discourse, breaking with the notion of media ambience only as discursive.

Keywords: Mediatization; Discourse; Critical Discourse Analysis

1. Introdução

O estudo investiga as interfaces dialéticas entre os conceitos de “mídia” e “discurso”, a fim de identificar e problematizar as consonâncias e dissonâncias entre essas perspectivas. Para tanto, utiliza-se a metodologia de Silva (2010) para explorar os campos por meio dos movimentos: (I) “estranhar”: deslocamento do lugar de fala do pesquisador, em paralelo com a desfragmentação de pré-conceitos para constituir um olhar mais integral sobre o objeto comunicacional; (II) “entranhar”: entrada em outros campos de estudos para compreensão dos construtos em voga; (iii) “desentranhar”: exercício dialético ao sair do universo emergido e retornar ao lugar de fala. Nessa perspectiva dialética, assume-se que a relação entre os construtos teóricos da mídia e discurso não significa substituir e/ou empregar as categorias analíticas da Análise do Discurso Crítica no conceito de mídia; trata-se de um reconhecimento da necessidade de separá-las, a fim de evitar um ecletismo incoerente.

Desse modo, realiza-se a entrada no campo de estudos da mídia a partir de três correntes: institucionalista - Hjarvard (2007, 2014), Hjarvard e Driessens (2017); construtivista social - Couldry e Hepp (2017), Hepp (2020), Knoblauch (2013, 2020); e



latino-americana – Braga (2017), Fausto Neto (2004), Ferreira (2018), Carvalho e Lage (2012), Santi (2017). Posteriormente, empreende-se uma caracterização do conceito de discurso para Análise do Discurso Crítica (ADC), especificamente, na vertente de Fairclough (1989, 1995a, 1995b, 2003, 2013, 2016) e Chouliaraki e Fairclough (1999). Por fim, na aproximação teórica indicada por Santi (2017) entre midiatização e discurso via ADC, por meio da matriz semiológico-discursiva, debate-se sobre as possibilidades dialéticas e transdisciplinares para investigação dos processos de midiatização.

2. Perspectivas dos estudos da midiatização

O campo de estudos da midiatização não se caracteriza por uma teoria única e geral, mas por perspectivas (Couldry e Hepp, 2017). Em termos classificatórios³, os referidos autores e Hepp⁴ (2020) reconhecem duas correntes: institucionalista e construtivista social. Martino (2019) valida a terceira tradição, a latino-americana.

A corrente institucionalista deriva das pesquisas dos meios de comunicação de massa, cujo foco está no papel da mídia, vista como uma “instituição semi-independente” (Hepp, 2019). Nesse ensejo, Hjarvard (2014, p. 13) entende a midiatização como “nova agenda de pesquisa”, sendo um processo macrossocial parcialmente constitutivo das sociedades, em que a mídia interpela e está inserida nas instituições culturais e sociais, exercendo um papel de centralidade social. Em complementação, Hjarvard e Driessens (2017) atentam que as práticas sociais foram substituídas por práticas mediadas, uma vez que a midiatização e suas dinâmicas se relacionam com outros processos como comercialização, globalização e politização,

3 A pesquisa utiliza essa classificação das correntes de estudos da midiatização como forma organizativa e didática, a qual não invalida outros modos de compreender o campo, tal como empreendem Fausto Neto (2004), Santi (2017) e Martino (2019), por exemplo.

4 Hepp (2020) esclarece que outros autores, como Göran Bolin e Knut Lundby, distinguem três tradições, considerando a “tecnológica” como uma terceira via. Entretanto, com base no argumento de André Jansson, Hepp afirma que a perspectiva tecnológica ainda não emergiu como uma tradição independente.



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

cuja inter-relação ocorre por metaprocessos. Os estudos da miatização focam o “papel da mídia na transformação das relações sociais e culturais”, reconhecendo a dominância dos meios de comunicação sobre outras instituições sociais (Hjarvard, 2014, p. 19).

Para Hjarvard (2007), a teoria da miatização insiste na dependência de atividades sociais ou culturais na e partir da exposição midiática, formando a lógica midiática. Nessa dinâmica, instaura-se uma perspectiva de natureza linear da lógica, no uso de mídia como sinônimo de “coisificação”, visão esta refutada pelo autor.

Por seu turno, a corrente do construtivismo social possui origem nas pesquisas sobre as práticas midiáticas pelos vieses dos usos da mídia e da produção midiática (Hepp, 2019). O construtivismo social assume que a realidade social é construída por meio das ações sociais, com base em Berger e Luckmann ([1966] 2014). Conforme Knoblauch⁵ (2013, 2020), essa construção é de ordem comunicativa, tendo em vista que as ações comunicativas resultam em formas comunicativas que constituem as instituições da cultura comunicativa da sociedade.

Na visão de Couldry e Hepp (2017), a construção do mundo social não é mediada, mas miatizada: a dinâmica e estrutura alteram-se e são constituídas conforme o desempenho contínuo e recursivo da mídia em sua construção, o que não significa uma subordinação ou colonização social fruto do funcionamento midiático. Esse processo de miatização do mundo social desenvolve-se em fases decorrentes do avanço das tecnologias comunicacionais e que as sociedades ocidentais contemporâneas vivenciam o estágio de digitalização caracterizado pela “*deep mediatization*”: processo dinâmico e multicamadas de entrelaçamento do mundo social com tecnologias de mídia difundidas, tendo como efeitos a transformação da mídia, comunicação, cultura e

5 Knoblauch (2020) procura refinar categorias basilares do construtivismo social de Berger e Luckmann ([1966] 2014) para propor o construtivismo comunicativo, reconhecendo a comunicação como forma de ação, em que a comunicação seria a base do processo de construção social e a ação comunicativa criaria a realidade social. A construção comunicativa da realidade evidencia as transformações da sociedade e da realidade social advindas com a era digital (Knoblauch, 2020).



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

sociedade (Hepp, 2020; Couldry e Hepp, 2017). Essa perspectiva incorpora a análise de algoritmos, data e infraestruturas digitais aos estudos da midiatização (Hepp, 2020), conjugando a dimensão da semiose com o mundo material.

Conforme Knoblauch (2013), a midiatização, como “metaprocesso”, é construída pelas ações comunicativas. Para argumentar que o papel crucial da comunicação foi sacrificado em favor da “interação”, o autor aponta dois aspectos divergentes do quadro teórico da midiatização, que se estabelece: (I) como metaprocesso de mudança da mídia; (II) como microprocesso que afeta os atores humanos e suas relações sociais. Na aproximação entre midiatização e ação comunicativa, Knoblauch (2013) afirma que a mídia não é apenas extensão do aparato sensorial, mas também exclusão das ações.

Por fim, a tradição latino-americana concebe a midiatização tanto como ambiência quanto processo articulador dentro de práticas sociais. Na denominada “sociedade da midiatização” (ou hipermidiatização), incide o “bios midiático” (Sodré, 2002) como novo ecossistema (ambiência) determinante para outros modos de ser, agir e estar no mundo, esclarece Santi (2017). A preocupação analítica recai sobre os processos e não mais sobre os meios. Por conseguinte, as mídias constituem e são constituídas pela ambiência societal, não sendo a realidade exterior ao sujeito.

Segundo Sodré (2002), o objeto da comunicação é a vinculação social consciente e inconsciente. Nesse âmbito, a mídia trabalha a relação entre os sujeitos e sujeitos-mundo. Respaldo no conceito aristotélico de “bios”, da cidade investida politicamente, o autor refuta as noções dos papéis da mídia na sociedade, tais como o de transmissora de informações, educadora e instrutora dos modos de ser e estar no mundo. Sodré (2002) concebe, desse modo, a mídia como ambiência, bios, ou seja, um mundo discursivo que cerca/perpassa/permeia o mundo. Na concepção de Carvalho e Lage (2012), a midiatização, com base em Sodré, pode ser considerada como “nova forma de



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

vida”, a qual “implica uma nova relação do homem com o mundo, reconfigurada pelo tecnodeterminismo e pelo mercado”.

No entendimento de Silva (2012), o conceito de “bios midiático” de Sodré (2002) pode ser expandido para além da similitude enquanto mediação, “mas como integralidade do campo comunicacional”. O bios midiático, na perspectiva da autora, pode auxiliar na ruptura da noção de linearidade advinda da perspectiva de Braga (2011) como processo interacional de referência emanado da mediação, na medida em que prevê uma veiculação de ordem societal articulada com uma vinculação (sociável).

Em síntese, o mundo discursivo midiático acarretaria uma vida espectral em que o real não se coloca como tal nas representações. Essa noção de quase presença das coisas no bios midiático determina o entendimento, conforme Sodré (2002), de que a informação é mero espectro, um modo de representação do discurso. Desse modo, a realidade da mídia é, essencialmente, discursiva. A informação seria, correlatamente, a base para a estruturação dos demais processos sociais e da própria sociedade contemporânea, na medida em que visa posicionar sujeitos e ofertar modos de ser e estar no mundo por meio de processos de interpelação dos sujeitos, proposição e tentativa de induzir desejos, consciências, hábitos, estilos de vida.

Compreendida como processo articulador, a mediação não está restrita ao “campo das mídias”, atravessando os campos sociais. Nessa dinâmica, os processos de interação “em mediação” modificam o perfil, os sentidos e os modos de ação dos campos sociais. Conforme Braga (2017), os dispositivos são modulados pelo contexto e processos instituídos, em que os “produtos midiáticos” são o “momento”, a materialização de um circuito. Assim, o conceito de dispositivo confere à mídia o papel de “sujeito organizador” da vida social e simbólica (Fausto Neto, 2004). Com isso, a mediação procura regular a ordem social, em que as práticas significantes (e a dos



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

meios) podem interferir na realidade das práticas sociais, com efeitos nas práticas cotidianas.

As nuances conceituais da midiatização traçadas brevemente evidenciam a fluidez e a ausência de um consenso teórico, como atentam Carvalho e Lage (2012). As correntes teóricas são angulações de entrada no campo de estudos e permitem compreender aspectos significativos da midiatização. Como ponto de ancoragem, a presente pesquisa filia-se ao conceito de midiatização delineado por Ferreira (2018) dentro da tradição latino-americana:

A midiatização é a materialização da experiência mental da espécie, passando pelos processos sociais de acessos, usos, práticas e apropriações, configurando dispositivos agenciadores dessas práticas - num processo circular e de circulação entre meios e práticas sociais -, diferenciados conforme posições de atores e instituições. (FERREIRA, 2018, p.367)

Enquanto processo de “diferenciação da espécie com relação à natureza”, os meios semio-técnico-sociais abarcam as materializações semióticas do mundo, as quais são atravessadas pelo social e suas condições (usos, práticas e apropriações arregimentados por dispositivos). Na ótica de Ferreira (2018), os meios, inclusive as tecnologias, são, primeiramente, frutos da experiência mental, dos processos imaginários antes de se tornar um aspecto material no mundo. Fausto Neto, durante a discussão da presente pesquisa no Grupo de Trabalho (GT) “Circulação Discursividades” do IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais, atenta que o ingresso das experiências mentais no plano social ocorre por meio da linguagem.

Em nosso entendimento, a conceituação de Ferreira (2018) permite compreender: (a) a midiatização como processo não homogêneo que atua como ponte para o estabelecimento de relações entre aparatos técnicos, sujeitos e interações,



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

rompendo-se com a noção de campo midiático autônomo e organizador central da sociedade, bem como com o foco apenas no meio ou produto midiático; (b) o modo de engendramento social possibilitado pelo processo de miatização, que opera na tessitura entre sujeitos, discursos, instituições e normas sociais, retomando aqui o conceito de dispositivo de Foucault (1999); (c) a dinâmica de constituição do mundo social, que ocorre em duplo movimento de condicionamentos e poder entre sujeitos, com seu psiquismo, e exterioridade, em que a miatização se estabelece de modo rizomático e perene nas esferas sociais; (d) o reconhecimento de que o processo da miatização ocorre por meio de construtos subjetivos dos sujeitos; (e) por fim, denota uma visão da miatização para além de sua dimensão discursiva, considerando também as dimensões cognitivas, técnicas e sociais do processo.

Portanto, a miatização denota efeitos linguísticos, discursivos e sociais para além da interação, do circuito comunicativo e do contexto enunciativo, perpassando práticas discursivas e não-discursivas. Nessa dinâmica, miatização está diretamente relacionada com “espacialidade, sistemas sociais, temporalidade social e as ambiências culturais” (Santi, 2017).

3. Discurso

O segundo conceito da presente pesquisa (discurso) é tecido no decorrer do desenvolvimento da ADC⁶, entendida como teoria e método na pesquisa social para investigar as mudanças sociais. Fundamentada na dialética e transdisciplinaridade, a Teoria Social do Discurso (TSD), segundo Fairclough (2016), desenvolve-se por meio da análise sistemática das relações entre discurso e outros elementos do processo social, em movimentações investigativas nas dimensões textual, discursiva e social, permitindo a compreensão de parte da complexidade de funcionamento do mundo social. A TSD

6 A TSD estabelece-se como uma das expoentes dentro da ADC, esclarecem Rezende e Ramalho (2017).



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

entende a linguagem como prática social, inovando ao propor a investigação aprofundada do papel da linguagem na “reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também seu papel fundamental na transformação social” (Magalhães, 2016). Sendo assim, o texto e as interações representam apenas um espectro momentâneo do jogo de tessituras complexo que atravessa e se entrelaça com os modos de ser, estar e simbolizar o mundo social.

Em um primeiro momento conceitual, Fairclough ([1989] 2001, 1995a, 1995b, 2016) considera o discurso como essencial e organizador da estrutura social, seguindo a ótica de Foucault ([1971] 1996), mas propondo um ferramental analítico para investigar a materialidade desse processo na dimensão textual. Em sua obra seminal, Fairclough ([1989] 2001) concebe o discurso como modo de ação historicamente situado, sendo um elemento da vida social interligado dialeticamente com outros. Ao considerar o uso da linguagem como forma de prática social, o autor rompe com a visão do emprego linguageiro como “atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais”. Nessa ótica, o discurso torna-se um modo de ação e deve ser entendido como “uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (Fairclough [1989], 2001, p. 91). Sendo assim, discurso e estrutura social assumem uma relação dialética de mútua constituição, sendo condições e efeitos reciprocamente.

Como desdobramento, o discurso é conceituado na associação entre duas correntes de pensamento (Fairclough, 1995b): (a) visão predominante nos estudos linguísticos - um modo de ação social historicamente situado e interação, cujas estruturas organizam a produção discursiva nas sociedades; (b) perspectiva de Foucault ([1971] 1996) – modo de construção social da realidade, uma forma de conhecimento. Com isso, o autor procura agregar as funções interpessoais e ideacionais da linguagem,



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

proporcionado uma interface do discurso tanto como a linguagem no uso social quanto categoria analítica das materialidades em meio a uma análise intertextual.

Segundo Fairclough (1995a), o discurso deve ser compreendido como um tipo de entidade ou objeto que constitui a vida social pelos sentidos e por produzir sentidos, possuindo uma série de relações complexas, tais como relações de comunicação entre os sujeitos comunicantes. A ADC requer, conseqüentemente, um percurso que considere uma série de relações complexas, na medida em que a atividades social (ou práxis) também inclui relações entre discurso e objetos complexos (mundo físico, pessoas, relações de poder e instituições), funcionando de modo interconectado.

Fairclough (1995a) entende que o mundo social é discursivamente construído (ou representado) de distintas formas, em um jogo de relações de poder, sendo necessária articulação entre o discurso e o mundo material (outras práticas sociais), em que as análises devem elucidar o jogo complexo de interpenetração dos momentos materiais e discursivos. Por conseguinte, o texto não possui uma existência fora e independente das relações dialéticas com as demais práticas sociais, devendo a construção discursiva ser investigada considerando o jogo de forças que ocorre dentro de um complexo de três elementos: prática social, prática discursiva (dimensão da produção textual, distribuição e consumo) e prática textual (Fairclough, 2016).

Observa-se que, ainda nesse primeiro momento conceitual, Fairclough (1995b) estabelece um estudo específico sobre o funcionamento do discurso das mídias, considerando-as ainda como sinônimo de *mass media*, em uma perspectiva institucionalista e centralista, em um período histórico anterior aos processos de midiatização marcados pelo *Big Data*. Fairclough (1995b) avalia que, na interação dada entre mídia e público, os sujeitos são mais construídos como espectadores do que como cidadãos participantes. Diante do conceito de midiatização, percebemos que essa



passividade do receptor não se estabelece como uma visão adequada para tratar-se dos processos de interação e circulação de sentidos.

Ressalta-se, entretanto, que Fairclough (1995b, p. 63) já concebe que o discurso das mídias extrapola a situação comunicativa, influenciando também outras práticas sociais, em uma dialética complexa entre mídia e discurso conversacional da vida cotidiana privada. Nesse momento conceitual da ADC, Fairclough (1995b) considera que “discurso das mídias” possui impacto não apenas em razão da representação seletiva do mundo, mas também na projeção de identidades sociais, valores culturais e na definição de relações sociais. O autor explica ainda que o poder midiático não está apenas na representação seletiva do mundo, mas atua para influenciar nos “conhecimentos, desejos, valores, relações sociais, identidades sociais” (Fairclough, 1995b, p. 2).

Em um segundo momento conceitual da ADC, Fairclough (2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999) retiram o foco da centralidade do discurso nas práticas sociais para considerá-lo apenas como um momento das práticas. O autor consolida a noção do uso da linguagem como uma prática social, tendo papel central na reprodução, na construção das realidades e sentidos de mundo e nas trocas socioculturais, ao lado de outras práticas não discursivas (Fairclough, 1995a). O discurso traz, portanto, a concepção de que o uso da linguagem está imbricado com as relações sociais e os processos constituintes, bem como a noção de que a linguagem é uma forma material da ideologia, ou seja, a linguagem é investida pela ideologia (Fairclough, 1995a).

O deslocamento do centralismo do discurso no mundo social evidencia, portanto, que a vida social é constituída por práticas sociais, sendo o discurso apenas um dos inúmeros elementos das práticas sociais que estão em relação dialética entre eles (Chouliaraki e Fairclough, 1999). Os autores transcendem, dessa forma, a oposição entre interpretativismo e estruturalismo, adotando o que Bourdieu denomina de



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

“construtivismo estruturalismo” ou “estruturalismo construtivismo” – um modo de ver e pesquisar a vida social restringida pelas estruturas sociais e um processo ativo de produção que transforma as estruturas sociais.

Com o foco de pesquisa nas conjunturas⁷ ao invés das estruturas⁸ e eventos⁹, a vertente da ADC de Fairclough passa a utilizar uma visão dialética das práticas, refutando o determinismo que enfatiza estruturas estabilizadas e voluntarismo que enfatiza atividade concreta.

As práticas são, nessa perspectiva, consideradas com sentido ambíguo: de ação social ocorrida em determinado espaço e tempo; e, de modo paralelo, como forma habitual de ação. Segundo os autores, essa definição permite posicionar as práticas entre estruturas e eventos, estrutura e agência, sendo caracterizadas como formas de produção social que articulam recursos físicos e simbólicos, as quais estão localizadas dentro de uma rede de relações com outras práticas. As “práticas sempre possuem uma dimensão reflexiva: pessoas sempre produzem representações sobre o que elas fazem como parte do que elas fazem” (Chouliaraki e Fairclough, 1999, p. 22). Em síntese, as práticas sociais se estabelecem dentro da dinâmica do mundo material e suas atividades, sendo uma conjunção entre ação e interação, discurso e semiose, relações sociais, sujeitos e fenômeno mental.

Em decorrência dessa expansão teórica, o discurso passa a ser visto como uma prática de produção, com seus próprios mecanismos, mas tendo sempre relações com as demais práticas. Na acepção de Chouliaraki e Fairclough (1999), os momentos das

7 As conjunturas são concebidas por Chouliaraki e Fairclough (1999) como conjuntos relativamente duráveis de pessoas, materiais, tecnologias e outras práticas dentro de projetos sociais específicos. As conjunturas atravessam e carregam consigo diferentes instituições, em que a durabilidade e escala variam consideravelmente.

8 As estruturas são caracterizadas por Chouliaraki e Fairclough (1999) como condições basilares da vida social que são transformadas por ela, mas lentamente.

9 Os eventos são conceituados por Chouliaraki e Fairclough (1999) como ações individuais, ocasiões e acontecimentos imediatos da vida social.



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

práticas são articulados por uma dialética, em que as características internas são determinadas pelas relações externas. Dentre as faces observáveis, estão as representações, tidas como elemento reflexivo, as quais são geradas como parte integrante das práticas.

Com isso, o conceito de discurso delineado assume como referência direta aos elementos semióticos das práticas sociais, incluindo as diversas manifestações da linguagem, desde a língua, expressões não-verbais e visuais, por exemplo. Os autores atentam, desse modo, que as práticas sociais são sempre formas de interação social, mas nem toda interação é discursiva, reconhecendo o movimento dos aspectos materiais das práticas para além da dimensão discursiva.

Fairclough (2003) retoma essa ênfase nas práticas sociais, consolidando a expansão dos trabalhos anteriores do segundo movimento teórico. O autor ressalta que a linguagem é parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada com outros elementos da vida social. O autor evidencia que o discurso é constituinte do social, mas não deve ser considerado como o social, em sua integralidade. Desse modo, considera-se que o social constitui o discurso, mas não é somente formado pelo discurso. Essa visão se coaduna, como será debatido no tópico seguinte, com o conceito de midiatização para além de um processo comunicativo reduzido ao seu próprio circuito, mas um modo de “agenciamento” da vida dos sujeitos.

Segundo o autor, o discurso deve ser compreendido como nível de mediação entre o texto em si e o contexto social (eventos, práticas sociais, estruturas sociais), sendo parte constituinte dos recursos que os sujeitos empreendem na relação e interação com o outro. O discurso assume ainda um duplo papel representacional que vai além da estabilidade e uniformização discursivas advindas das formas de representação dos aspectos do mundo e suas relações inerentes dadas entre o mundo social e os processos, estruturas sociais e dinâmicas cognitivas; sobretudo, as formas de representação



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

constituem-se como pontos nodais na relação dialética entre a linguagem e os demais elementos do mundo social.

Na visão de Van Leeuwen (2008), o discurso é uma cognição social que recontextualiza a prática social, ou seja, a prática social (fazer algo) não pode ser confundida com a representação da prática social (falar sobre algo). A prática social constitui-se como forma social de regulação do modo de fazer as coisas (Van Leeuwen, 2008), em que as formas de ação e interação são definidas pelas práticas sociais (Fairclough, 2003).

Em crítica à ADC, Van Dijk (2020) aponta a limitação de não teorizar nem problematizar adequadamente a relação complexa entre discurso e contexto. Em decorrência, a transposição da análise da dimensão discursiva para a social demandaria complementações por meio de um exercício transdisciplinar. Para o autor, o contexto deve ser compreendido como construto subjetivo dos participantes. “Não é a situação social que influencia o discurso (ou é influenciada por ele), mas a maneira como os participantes definem essa situação” (Van Dijk, 2020, p. 11).

Em suma, com essa tessitura, o foco de análise do discurso, pelo viés da ADC, tem a preocupação de não reduzir a vida social à linguagem, sendo considerado como uma (dentre outras) chave de leitura do mundo social. Tal perspectiva possibilita o estabelecimento de algumas interfaces dialéticas entre mediação e discurso.

4. Interfaces tentativas entre mediação e discurso

Os conceitos de mediação e discurso remetem às dinâmicas complexas dadas entre sujeito-mundo e sujeito-sujeito. Nesse ensejo, a relativização do construtivismo social por Fairclough (2008) torna-se o ponto de partida para evitar visões deterministas sobre a mediação: assim como outras práticas sociais, a mediação não consegue transformar e construir o mundo de forma direta, já que são as relações complexas de



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

poder do mundo social que estabelecem condicionais sobre quais transformações são ou não possíveis. Sendo assim, o construtivismo social torna-se problemático quando desconsidera a relativa solidez das entidades sociais e, conseqüentemente, sua resistência às mudanças e aos discursos (Fairclough, 2008). Desse modo, os textos e discursos constituintes dos processos de midiatização não constroem o mundo; apenas oferecem guias de interpretação, representação e imaginação. Como atenta o autor, as entidades sociais são, de certo modo, efeitos dos discursos; são as representações que possuem o efeito de mudar as construções sociais, entretanto, elas dependem de inúmeros fatores contextuais.

Ao propor que a midiatização inicia-se, antes de tudo, como experiência mental, Ferreira (2018) acentua uma característica também comum para a ADC: o sujeito como centro do ato de linguagem e das práticas. Tal aspecto é substancial para a compreensão mais adequada da interação entre processos comunicacionais-midiáticos, cultura e sociedade, em que o mundo social não se desenvolve de forma isolada, totalmente exterior e a parte dos sujeitos. Na medida em que o processo de midiatização estabelece-se, primeiramente, por meio de cognições e modelos mentais, em um entrelaçamento da experiência subjetiva com os meios e os modos de ser, representar e estar no mundo, o discurso deve ser considerado apenas como um de seus momentos, em que a materialização lingüístico-discursiva não é o todo, somente um espectro que arregimenta e abarca discurso(s). Nessa dinâmica, com base na ADC, atenta-se que a experiência mental não ocorre de modo isolado do contexto, tendo em vista que mesmo os processos cognitivos de interpretação do mundo dependem da linguagem e do discurso. A midiatização e as materializações lingüístico-discursivas ocorrem, portanto, em mútuo condicionamento com as condições contextuais de ordem situacional, temporal, espacial, tecnológica, social e cultural, considerando, com base em Fairclough (2003), que as formas de ação e interação são definidas pelas práticas sociais.



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

Ademais, a particularidade do funcionamento do processo de miatização como dispositivo configurador da prática social possibilita perceber mais adequadamente as relações entre sujeito-mundo e mundo-sujeito. A associação da miatização ao conceito de dispositivo, no sentido de Foucault (1999), traz uma compreensão desse processo como um magma social que pode ser observado por meio de traços deixados nas materializações linguístico-discursivas das interações e circuitos (e circulações posteriores), estabelecendo ordens de discurso e condições de gênero não transparentes.

Como processo imbricado com as práticas sociais, a miatização requer também um olhar para além do fluxo e intercâmbio de sentidos, a fim de revisitar a noção, até então, empregada pela ADC da mídia como sinônimo de meio, instituição e campo dominados pelos *mass media*. A miatização evidencia, assim, o processo de mudança nas relações entre as práticas sociais, não ocorrendo mais uma centralidade institucionalizada do aparato midiático: as práticas cotidianas e as relações sujeito-sujeito já não se separam de forma evidente dos processos de miatização, tendo em vista as dinâmicas de invisibilidade e naturalização dos atravessamentos e entrelaçamentos das práticas sociais. Logo, o acesso à realidade simbolizada já não se faz tão perceptível do processo em si, na medida em que, nas sociedades miatizadas, não se consegue perceber onde começa e/ou termina o circuito da comunicação.

5. Considerações finais

A pesquisa apresenta uma primeira aproximação tentativa entre miatização e discurso, sem pretender esgotar ou reduzir as questões. Ao retomar-se a crítica de Braga (2011) de que outros campos de conhecimento tendem a não problematizar adequadamente o campo comunicacional, acrescida com a análise de Van Dijk (2020) de que a ADC não conceitua adequadamente a complexidade do contexto, denotam-se possíveis contribuições transdisciplinares entre ADC e miatização. Sinteticamente, (I)



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

por um lado, a ADC permite empreender em uma pesquisa social que concebe as relações dialéticas entre as dimensões textual, discursiva e social, oferecendo métodos analíticos para a abordagem iniciada nas materializações lingüístico-discursivas; (II) por outro, a midiatização possibilita um repensar sobre o funcionamento dos fenômenos comunicacionais-midiáticos contemporâneos e uma análise do contexto para além do circuito comunicativo, com um olhar holístico aos processos.

Assim como o discurso e suas ordens, o processo da midiatização também não é palpável e observável em sua integralidade. Tendo uma de suas faces as ordens discursivas, esse processo possui estruturação com zonas de invisibilidade em decorrência das naturalizações de seus construtos subjetivos. Enquanto configurador de dispositivos das práticas sociais, a midiatização apresenta uma complexa teia de relações entre as dimensões espacial, social, temporal, econômica, histórica, técnica e cultural, cuja interpretação e representação ocorrem por meio da e na linguagem, mais especificamente, no e pelo discurso, considerado aqui como uma de suas partes constitutivas.

A nosso ver, uma chave de entrada no campo de estudos pode ser iniciada nas marcas deixadas nas materialidades lingüístico-discursivas, as quais (re)constróem fios da estruturação social, na medida em que os fenômenos comunicacionais-midiáticos trazem uma dinâmica de atravessamento e entrelaçamento com as esferas e práticas sociais, determinando uma realidade espectral e simbólica reordenada. Ressalta-se que as existências dos objetos e fatos do mundo dependem dos sentidos empreendidos e dos traços e espectros presentes nas materializações lingüístico-discursivas.

Para além de uma ambiência apenas discursiva, a midiatização apresenta-se como um rizoma que atravessa, condiciona e é condicionado por práticas sociais, eventos, acontecimentos e conjunturas, em que as investigações dos objetos comunicacionais não se constituem como o todo, redutor da complexidade, mas um



recorte momentâneo sobre o mundo social. Em decorrência, as pesquisas sobre a miatização abrem possibilidades para que as sociedades ocidentais contemporâneas percebam-se enquanto tais, em suas complexas dinâmicas.

Como desdobramento da presente pesquisa, posteriormente, a investigação deve recair sobre a dialética entre miatização e discurso, com foco nos métodos, visando a instauração de uma analítica de processos por meio de uma perspectiva hermenêutica. Tal como debatido no GT “Circulação: discursividades” do IV Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais, do qual o presente estudo integrou, atenta-se que o método não pode se inscrever como grade de leitura fixa do mundo social nem pode pretender esgotar o todo e a complexidade dos processos, devendo, assim, estar em consonância com o objeto e os recortes estabelecidos sobre os fenômenos.

Referências

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da Comunicação. **Verso e Reverso**. Revista da Unisinos, São Leopoldo, RS. v. 25, n. 58, jan./abr. 2011.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. In: BRAGA, José Luiz; RABELO, Leon; MACHADO, Michelli et al. (orgs.). **Matrizes interacionais**. Campina Grande: EDUEPB, 2017, pp. 16-41.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas [1966]. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARVALHO, Carlos A. de; LAGE, Leandro. Miatização e reflexividade das mediações jornalísticas. In: MATTOS, Maria A.; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação & Miatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. E-book.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.



Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas
em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The mediated construction of reality**. Cambridge: Polity Press, 2017. E-book.

FAIRCLOUGH, Norman [1989]. **Language and Power**. New York: Longman, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis**. Londres: Longman, 1995a.

FAIRCLOUGH, Norman. **Media Discourse**. Londres: Redwood Books, 1995b.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analyzing discourse**. Londres: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2016.

FAUSTO NETO, Antônio. A religião teletereapeutizante. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo. v. 6, n. 2, 2004, p. 25-46.

FERREIRA, Jairo. Genealogia dos meios e materialização das experiências mentais. In: FERREIRA, Jairo et al. (Org.). **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?** Santa Maria/RS: FACOS - UFMS, 2018, p. 359-376.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel [1971]. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HEPP, Andreas. **Deep mediatization**. Londres: Routledge, 2020.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

HJARVARD, Stig. Changing media, changing language. **Anais da 57ª Conferência ICA**. São Francisco (EUA), maio/2007, p. 24-28.

HJARVARD, Stig; DRIESSENS, Olivier. Introduction: situating dynamics of mediatization. In: DRIESSENS, Olivier et al. **Dynamics of Mediatization**. Londres: Palgrave Macmillan, 2017.

KNOBLAUCH, Hubert. Communicative constructivism and Mediatization. **Communication theory**, n. 23, 2013, p. 297-315.



Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

KNOBLAUCH, Hubert. **The communicative construction of reality**. Nova Iorque: Routledge, 2020. E-book.

MAGALHÃES, Izabel. Prefácio à edição brasileira. In: FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2016, p. 11-13.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Rumo a uma teoria da mediação. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 45, maio/ago. 2019, p. 16-34.

RESENDE, Viviane de; RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2017. E-book.

SANTI, Vilso Junior. **Mediação e mediação**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and Practice**. Nova Iorque: Oxford, 2008.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e contexto**. São Paulo: Contexto, 2020.